

## TEOLOGIA E PIEDADE: POR UMA TEOLOGIA COMPROMETIDA

*Hermisten Maia Pereira da Costa\**

### RESUMO

Neste artigo, o autor retoma a visão de piedade em Calvino, desenvolvendo o conceito bíblico e teológico de que a teologia como verdadeira serve da Palavra deve estar comprometida com a edificação do povo de Deus, sendo assim, serve da igreja. Dentro dessa perspectiva recorre a teólogos de distintos quadros de referências, contudo, com a mesma compreensão de que a reflexão teológica não termina em exercício intelectual, antes, se plenifica na obediência à Palavra de Deus.

### PALAVRAS-CHAVE

Teologia; Piedade; Espiritualidade; João Calvino; *Institutas*.

O grande perigo é tornar a teologia um tema abstrato, teórico, acadêmico. Ela jamais poderá ser isso, porque é conhecimento de Deus – D. M. Lloyd-Jones.<sup>1</sup>

Uma teologia que toca a mente, deixando de afetar o coração, não é a verdadeira teologia cristã – Alister McGrath.<sup>2</sup>

---

\* O autor é mestre e doutor em Ciências da Religião. É professor na Escola Superior de Teologia (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Integra a equipe pastoral da Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo.

<sup>1</sup> D.M. Lloyd-Jones, Uma escola protestante evangélica: In: *Discernindo os tempos*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994, p. 389.

<sup>2</sup> McGRATH, Alister E. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 67.

## INTRODUÇÃO: CONHECIMENTO E PIEDADE

Em 1551, respondendo a uma carta de Laelius Socino (1525-1562)<sup>3</sup>, na qual este fazia várias especulações, Calvino (1509-1564) lhe diz:

Certamente, ninguém pode ser mais adverso ao paradoxo do que eu, e não tenho nenhum deleite em sutilezas. No entanto, nada jamais me impedirá de confessar abertamente aquilo que tenho aprendido da Palavra de Deus, pois nada, senão o que é útil, é ensinado na escola desse mestre. Ela é meu único guia, e aquiescer às suas doutrinas manifestas será a minha constante regra de sabedoria. (...) Se você tem prazer em flutuar em meio a essas especulações etéreas, permita-me, peço-lhe eu, humilde discípulo de Cristo, meditar naquilo que conduz à edificação da minha fé.<sup>4</sup>

Posteriormente, em 1556, comentando o texto de 1 Timóteo 6.3, diz que “[a doutrina] só será consistente com a piedade se nos estabelecer no temor e no culto divino, se edificar nossa fé, se nos exercitar na paciência e na humildade e em todos os deveres do amor”.<sup>5</sup>

Estamos convencidos de que a genuína piedade bíblica (Εὐσέβεια)<sup>6</sup> começa pela compreensão correta do mistério de Cristo, conforme diz Paulo: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória” (1Tm 3.16). A piedade era a tônica do ministério pastoral de Paulo. É deste modo que ele inicia sua carta a Tito: “Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, *para promover* (κατὰ)<sup>7</sup>

<sup>3</sup> Tio de Fausto Paolo Socino (1539-1604), teólogo italiano que entre outras heresias, fruto de uma interpretação puramente racional das Escrituras, negava a doutrina da Trindade, a divindade de Cristo, sustentava a ressurreição apenas de alguns fiéis, etc. O movimento herético conhecido como socinianismo é derivado dos ensinamentos de ambos.

<sup>4</sup> CALVINO, João. *Cartas de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 93. Em 1546, escreveu: “Devemos evitar buscar nela [Escritura] especulações ociosas entretendo-nos com questões frívolas que apenas servem a contendas e debates, tal como diz São Paulo, ou então nada mais são do que tormentos para o espírito, ou ainda, aparentando sutileza, elas transportam-nos para o ar, retirando-o do sólido alicerce. Pois a Escritura não foi dada para deleite da nossa excessiva curiosidade ou para servir à nossa ambição. [...] Podemos resumir que ela ensina a colocar nossa confiança em Deus, e a caminhar em seu temor”. Segundo prefácio de Calvino à tradução da Bíblia feita por Pierre Olivétan (1546). In: FARIA, Eduardo Galasso (Org.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 34.

<sup>5</sup> CALVINO, João. *As pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 164-165 (1Tm 6.3).

<sup>6</sup> At 3.12; 1Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 6.3,5,6,11; 2Tm 3.5; Tt 1.1; 2Pe 1.3,6,7; 3.11.

<sup>7</sup> Κατὰ quando estabelece relação, significa “de acordo com a”, “com referência a”. No texto, pode ter o sentido de “segundo a fé que é dos eleitos”, “no interesse de promover”, etc. (Mc 7.5; Lc 1.9,38; 2.22,24,29; Jo 19.7; At 24.14; Cl 1.25,29; 2Tm 1.1,8,9; Hb 7.5).

a fé que é dos *eleitos* (ἐκλεκτός)<sup>8</sup> de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tt 1.1). Portanto, devemos indagar sempre a respeito de doutrinas consideradas evangélicas, se elas, de fato, contribuem para a piedade. A genuína ortodoxia será plena de vida e piedade.

Paulo diz que é apóstolo da parte de Jesus Cristo comprometido com a fé que é dos eleitos de Deus. O seu ensino tinha este propósito – promover a fé dos crentes em Cristo Jesus – diferentemente dos falsos mestres, que se ocupavam com fábulas e mandamentos procedentes da mentira (Tt 1.14). Portanto, a fé que é dos eleitos deve ser desenvolvida no “*pleno conhecimento* (ἐπίγνωσις)<sup>9</sup> da *verdade* (ἀλήθεια)”. Ou seja, a nossa salvação se materializa em nosso conhecimento intensivo e qualitativamente completo da verdade. Contudo, este conhecimento da verdade, longe de arrogante e autossuficiente, está relacionado com a piedade: “segundo a *piedade* (εὐσέβεια)”.<sup>10</sup> O verdadeiro conhecimento de Deus é cheio de piedade. Piedade caracteriza a atitude correta para com Deus, englobando temor, reverência, adoração e obediência. Ela é a palavra para a verdadeira religião. Paulo diz que a piedade para tudo é proveitosa, não havendo contra-indicação: “Pois o exercício físico para pouco é *proveitoso* (ὠφέλιμος), mas a piedade para tudo é *proveitosa* (ὠφέλιμος),<sup>11</sup> porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1Tm 4.8). Por isso Timóteo, com o propósito de realizar a vontade de Deus, deveria exercitá-la com a perseverança de um atleta (1Tm 4.7),<sup>12</sup> segui-la como alguém que persegue um alvo, tendo a convicção e o zelo com os quais o próprio Paulo perseguira a Igreja de Deus (Fp 3.6): “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, *segue* (διώκω)<sup>13</sup> a justiça, a *piedade* (εὐσέβεια), a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11). O tempo presente do verbo indica a progressividade que deve caracterizar essa busca da piedade.

<sup>8</sup> Mt 22.14; 24.22,24,31; Mc 13.20,22,27; Lc 18.7; 23.35; Rm 8.33; 16.13; Cl 3.12; 1Tm 5.21; 2Tm 2.10; Tt 1.1; 1Pe 1.1; 2.4; 1Pe 2.6,9; 2Jo 1,13; Ap 17.14.

<sup>9</sup> Rm 1.28; 3.20; 10.2; Ef 1.17; 4.13; Fp 1.9; Cl 1.9,10; 2.2; 3.10; 1Tm 2.4; 2Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1; Fm 6; Hb 10.26; 2Pe 1.2,3,8; 2.20.

<sup>10</sup> At 3.12; 1Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 6.3,5,6,11; 2Tm 3.5; Tt 1.1; 2Pe 1.3,6,7; 3.11.

<sup>11</sup> Esse adjetivo, que no Novo Testamento só é empregado por Paulo, é aplicado às boas obras (Tt 3.8) e à Palavra inspirada de Deus em sua aplicação às nossas necessidades (2Tm 3.16).

<sup>12</sup> “Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. *Exercita-te* (γυμνάζω), pessoalmente, na piedade” (1Tm 4.7). Γυμνάζω é aplicada ao exercício próprio do atleta. No Novo Testamento a palavra é usada metaforicamente, indicando o treinamento que pode ser utilizado para o bem ou para o mal (1Tm 4.7; Hb 5.14; 12.11; 2Pe 2.14).

<sup>13</sup> Διώκω é utilizada sistematicamente para aqueles que perseguiram a Jesus, os discípulos e a igreja (Mt 5.10-12; Lc 21.12; Jo 5.16; 15.20). Lucas emprega o mesmo verbo para descrever a perseguição que Paulo efetuou contra a igreja (At 22.4; 26.11; 1Co 15.9; Gl 1.13,23; Fp 3.6), sendo também a palavra utilizada por Jesus Cristo quando pergunta a Saulo o porquê de sua perseguição (At 9.4-5/22.7-8/26.14-15). Paulo diz que prosseguia para o alvo (Fp 3.12,14). O escritor de Hebreus diz que devemos perseguir a paz e a santificação (Hb 12.14). Pedro ensina o mesmo a respeito da paz (1Pe 3.11).

Calvino<sup>14</sup> entende que o conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus traz como implicação necessária a piedade e a santificação: “... deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação,<sup>15</sup> simplesmente voluteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e finca pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso”.<sup>16</sup> Em outro lugar, acrescenta: “... Jamais o poderá alguém conhecer devidamente que não apreenda ao mesmo tempo a santificação do Espírito. (...) A fé consiste no conhecimento de Cristo. E Cristo não pode ser conhecido senão em conjunção com a santificação do seu Espírito. Segue-se, conseqüentemente, que de modo nenhum a fé se deve separar do afeto piedoso”.<sup>17</sup> Resume: “O conhecimento de Deus é a genuína vida da alma...”.<sup>18</sup>

O verdadeiro conhecimento de Deus conduz-nos à piedade: “Paulo sustenta que aquele falso conhecimento que se exalta acima da simples e humilde doutrina da piedade não é de forma alguma conhecimento”.<sup>19</sup> “A única coisa que, segundo a autoridade de Paulo, realmente merece ser denominada de *conhecimento* é aquela que nos instrui na confiança e no temor de Deus, ou seja, na piedade”.<sup>20</sup>

No entanto, é possível forjar uma aparente piedade, conforme os falsos mestres que, privados da verdade, o faziam pensando em obter lucro (1Tm 6.5); contudo, esta carece de poder e da alegria resultantes da convicção de que Deus supre as nossas necessidades. Logo, esses falsos mestres não conhecem o “lucro” da piedade: “De fato, grande *fonte de lucro* (πορισμός) é a *piedade* (εὐσέβεια) com o *contentamento* (αὐτάρκεια<sup>21</sup> = “suficiência”, “satisfação”). Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.6-8; 2Tm 3.5). Todo o conhecimento cristão deve vir acompanhado de piedade

<sup>14</sup> Para um estudo mais específico da piedade de Calvino, ver: COSTA, Hermisten M. P. A piedade obediente de Calvino: teologia e vida. *Fides Reformata* 13/1 (2008), p. 71-86.

<sup>15</sup> Ver CALVINO, João. *As Institutas*. Campinas e São Paulo: Luz para o Caminho e Casa Editora Presbiteriana, 1985, I.14.4.

<sup>16</sup> *Ibid.*, 1.5.9. “... Importa se nos transfunda ela [a doutrina] ao coração e se nos traduza no modo de viver, e, a tal ponto a si nos transforme, que nos não seja infrutuosa. Se, com razão, se incendem os filósofos contra aqueles que, em professando uma arte que lhes deva ser a mestra da vida, a convertem em sofisticada loquacidade, e os alijam ignominiosamente de sua grei, de quão melhor razão haveremos de detestar estes fúteis sofistas que se contentam em revoltear o Evangelho no topo dos lábios, Evangelho cuja eficácia devera penetrar os mais profundos afetos do coração, arraigar-se na alma e afetar o homem todo, cem vezes mais do que as frias exortações dos filósofos” (*Ibid.*, 3.6.4).

<sup>17</sup> *Ibid.*, 3.2.8.

<sup>18</sup> CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Parakletos, 1998, p. 136-137 (Ef 4.18).

<sup>19</sup> CALVINO, *As pastorais*, p. 186 (1Tm 6.20).

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 187 (1Tm 6.20).

<sup>21</sup> 2Co 9.8; 1Tm 6.6.

(1Tm 3.16; 6.3; Tt 1.1). A piedade deve estar associada a diversas outras virtudes cristãs a fim de que seja frutuosa no pleno conhecimento de Cristo (2Pe 1.6-8). A nossa certeza é que Deus nos concedeu todas as coisas que nos conduzem à piedade. Ele exige de nós, os crentes, “o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da salvação”<sup>22</sup> e que não negligenciemos os “meios de preservação”.<sup>23</sup> Portanto, devemos utilizar todos os recursos que Deus nos forneceu com este santo propósito: “Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à *piedade* (εὐσέβεια), pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2Pe 1.3).<sup>24</sup>

A piedade como resultado de nosso relacionamento com Deus deve ter o seu reflexo concreto dentro de casa, sendo revelada por meio do tratamento que concedemos aos nossos pais e irmãos: “...se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a *exercer piedade* (εὐσεβέω) para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus” (1Tm 5.4).<sup>25</sup> Nunca o nosso trabalho, por mais relevante que seja, poderá se tornar num empecilho para a ajuda aos nossos familiares. A genuína piedade é caracterizada por atitudes condizentes para com Deus (reverência) e para com o nosso próximo (fraternidade). Curiosamente, quando o Novo Testamento descreve Cornélio, diz que ele era um homem “*piedoso* (εὐσεβής) e temente a Deus (...) e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus” (At 10.2). A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem para com Deus em sua devoção e reverência e em sua conduta bíblicamente ajustada e coerente com o seu próximo. A piedade envolve comunhão com Deus e o cultivo de relações justas com os nossos irmãos. “A obediência é a mãe da piedade”, resume Calvino.<sup>26</sup>

A piedade é desenvolvida por meio de nosso crescimento na graça. A graça de Deus é educativa: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, *educando-nos* (παιδεύω) para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e *piedosamente* (εὐσεβῶς)” (Tt 2.11-12). A piedade autêntica, por ser moldada pela Palavra, traz consigo os perigos próprios resultantes de uma ética contrastante com os valores deste século: “Ora, todos quantos querem viver *piedosamente*

<sup>22</sup> *Catecismo Menor de Westminster*, Perg. 85.

<sup>23</sup> *Confissão de fé de Westminster*, XVII.3.

<sup>24</sup> Ver COSTA, Hermisten M. P. A Palavra e a oração como meios de graça. *Fides Reformata* 5/2 (2000), p. 15-48.

<sup>25</sup> “Seria uma boa preparação treinar-se para o culto divino, pondo em prática deveres domésticos piedosos em relação a seus próprios familiares.” CALVINO, *As pastorais*, p. 131 (1Tm 5.4).

<sup>26</sup> CALVIN, John. *Commentaries of the four last books of Moses. Calvin's Commentaries*, reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1996, Vol. II/1, p. 453 (Dt 12.32).

(εὐσεβῶς)<sup>27</sup> em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12). No entanto, há o conforto expresso por Pedro às igrejas perseguidas: “...o Senhor sabe livrar da *provação* (πειρασμός = “tentação”) os *piadosos* (εὐσεβῆς)...” (2Pe 2.9).

A piedade não pode estar dissociada da fé que confessa que Deus é o autor de todo o bem. Portanto, podemos descansar nele, sendo conduzidos pela sua Palavra.<sup>28</sup>

## 1. A TEOLOGIA COMO REFLEXÃO COMPROMETIDA

A teologia é o estudo sistematizado da revelação especial de Deus conforme registrada nas Escrituras Sagradas tendo como fim último glorificar a Deus por intermédio do seu conhecimento e obediência à sua Palavra.<sup>29</sup> “O tema e o conteúdo da teologia é a revelação de Deus”.<sup>30</sup>

Deus é o Senhor da revelação em toda a sua extensão (Sl 8.1). Nós humildemente rogamos a sua iluminação (Sl 119.18) e procuramos segui-la labutando e orando. “A teologia é a reflexão sobre o Deus que os cristãos cultuam e adoram”.<sup>31</sup>

Seguindo a linha de Kuyper,<sup>32</sup> devemos fazer duas observações fundamentais:

a) A teologia nunca é “arquetipa”, mas sim “éctipa”,<sup>33</sup> ela não é gerada pelo esforço de nossa observação de Deus, mas sim o resultado da revelação soberana e pessoal de Deus. Uma “*teologia arquetipa*” – se é que podemos falar deste modo –, pertence somente a Deus, porque somente ele se conhe-

<sup>27</sup> Este advérbio só ocorre em dois textos do Novo Testamento: 2Tm 3.12; Tt 2.12.

<sup>28</sup> Cf. CALVIN, *Commentaries of the four last books of Moses*, Vol. II/1, p. 422 (Dt 6.16).

<sup>29</sup> “O alvo final da reflexão teológica é que Deus seja glorificado na vida dos que crêem, pela maneira em que vivem e por aquilo que fazem”. GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *Quem precisa de teologia? Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano*, p. 54.

<sup>30</sup> MACKAY, John. *Prefacio a la teologia cristiana*. Cidade do México e Buenos Aires: Casa Unida de Publicaciones e La Aurora, 1946, p. 28.

<sup>31</sup> McGRATH, Alister E. *Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 15.

<sup>32</sup> KUYPER, A. *Principles of sacred theology*. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1980 (reimpressão), § 60, p. 257ss. Ver também: BAVINCK, Herman. *Reformed dogmatics*. Volume 1: Prolegomena. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2003, p. 212. Esta distinção, ao que parece, originou-se com o teólogo Polanus (1561-1610). Cf. MULLER, Richard A. *Post-Reformation Reformed dogmatics*. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1987, Vol. 1, p. 126-127.

<sup>33</sup> *Éctipo* é uma palavra de derivação grega, ἔκτυπος (cópia de um modelo ou reflexo de um arquetipo), passando pelo latim “ectypus” (feito em relevo, saliente). *Éctipo* é o oposto a *arquetipo* (do grego ἀρχέτυπος = “original”, “modelo”). Na filosofia, G. Berkeley (1685-1753) estabeleceu esta distinção no campo das ideias: “Pois acaso não admito eu um duplo estado de coisas, a saber: um etípico, ou natural, ao passo que o outro é arquetípico e eterno? Aquele primeiro foi criado no tempo; e este segundo desde todo o sempre existiu no espírito de Deus” (BERKELEY, G. *Três diálogos entre Hylas e Filonous*. *Os Pensadores*, Vol. XXII. São Paulo: Abril Cultural, 1973, 3º Diálogo, p. 119.

ce perfeitamente, tendo, inclusive, ciência completa do seu conhecimento perfeito.

A teologia não pode ser autorreferente; ela não se sustenta por si só. Ou ela se ampara na experiência humana (pessoal ou social) ou se fundamenta em Deus. Neste caso, poderíamos reduzir a teologia a um ato de fé que se atira no abismo de um *Deus absconditus*. Contudo, a teologia reformada enfatiza o Deus transcendente e pessoal, o Deus que se revela (*Deus revelatus*). Por isso, o fundamento e o conteúdo da teologia estão na revelação de Deus. Como temos insistido em outros trabalhos, a teologia sempre será o efeito da ação reveladora, inspiradora e iluminadora de Deus por meio do Espírito. A teologia nunca é a causa primeira; sempre é o efeito da ação primeira de Deus em revelar-se. “No princípio Deus...” – isto sempre deve ser considerado em todo e qualquer enfoque que dermos à realidade. Deus se revela e se interpreta por meio do Espírito, e é somente por intermédio dele que podemos ter um genuíno, ainda que não exaustivo,<sup>34</sup> conhecimento de Deus. A teologia sempre é relativa: “relativa à revelação de Deus. Deus precede e o homem acompanha. Este ato seguinte, este serviço, são pensamentos humanos concernentes ao conhecimento de Deus”.<sup>35</sup>

A teologia, portanto, pode ser verdadeira, ela se propõe a conhecer e sistematizar a revelação; contudo, ela jamais poderá ser a verdade. A verdade está somente em Deus, aquele que se revela, que é autorreferente, sendo o padrão de avaliação final de tudo o que reivindica ser verdadeiro.<sup>36</sup>

b) A teologia, conseqüentemente, não termina em conhecimento teórico e abstrato, antes se plenifica no conhecimento prático e existencial de Deus por intermédio da sua revelação nas Escrituras Sagradas, mediante a iluminação

<sup>34</sup> “... somos seres humanos, e é preciso que observemos sempre as limitações de nosso conhecimento, e não as ultrapassemos, pois tal gesto seria usurpar as prerrogativas divinas”. CALVINO, *As pastorais*, p. 160 (1Tm 5.25). “Deus não pode ser apreendido pela mente humana. É mister que ele se revele através de sua Palavra; e é à medida que ele desce até nós que podemos, por sua vez, subir até os céus”. CALVINO, João. *O profeta Daniel: 1-6*. São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 186 (Dn 3.2-7). Ver também: CALVINO, *Exposição de Romanos*, p. 64 (Rm 1.19); BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho, 1990, p. 32; HODGE, Charles. *Systematic theology*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986, Vol. I, p. 535; PACKER, J. I. *Evangelização e soberania de Deus*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 20; SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 151; SPYKMAN, Gordon J. *Teologia reformacional: um nuevo paradigma para hacer teologia*. Jenison, Michigan: The Evangelical Literature League, 1994, p. 79-80.

<sup>35</sup> BARTH, Karl. *The faith of the church: a commentary on the Apostle's Creed according to Calvin's Catechism*. Great Britain: Fontana Books, 1960, p. 27.

<sup>36</sup> Quando Jesus Cristo em sua oração declara: “A Tua Palavra é a verdade (ἀλήθεια)” (Jo 17.17), e: “E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade (ἀλήθεια)” (Jo 17.19), ele não nos diz que a Palavra de Deus se harmoniza com algum outro padrão distinto decorrendo daí a sua veracidade, antes, o que afirma é que a sua Palavra é a própria verdade, o padrão de verdade ao qual qualquer alegação pretensamente verdadeira deverá se adequar. Ver COSTA, Hermisten M. P. *A tua Palavra é a verdade*. Brasília: Monergismo, 2010, p. 73ss.

do Espírito. Conhecer a Deus é obedecer a seus mandamentos (1Jo 2.4).<sup>37</sup> “A boa teologia desloca-se da cabeça até o coração e, finalmente, até a mão”.<sup>38</sup> A genuína teologia cristã é compreensível, transformadora e operante.<sup>39</sup> Ela reflete a nossa confissão, nos conduz à reflexão e tem implicações diretas em nossa ética<sup>40</sup> e proclamação.

A teologia é uma *declaração de fé* comprometida com o revelado e com o povo de Deus, e é também uma *confissão de limitação*, de finitude. Sabemos o que sabemos por graça. Contudo, o que sabemos aponta para a grandiosidade do que não sabemos; não nos foi revelado. O teólogo, portanto, trabalha dentro desta dialética paradoxal: posso falar porque Deus revelou; contudo, devo saber permanecer em silêncio (*douta ignorância*)<sup>41</sup> porque Deus revelou que há muitíssimo mais por saber. Sem a revelação não poderia saber o que sei nem saber que não sei.

De um modo mais simples podemos dizer que nenhum sistema teológico, e mais ainda nenhum teólogo, pode esgotar o revelado em todas as suas relações e implicações ou tentar ir além dele. “Nenhum teólogo é grande bastante para reter todas as coisas em um perfeito relacionamento”.<sup>42</sup> A Palavra de Deus é mais rica do que toda e qualquer teologia, por mais fiel que ela seja à revelação.<sup>43</sup> Por isso, o critério último de análise, será sempre “O Espírito Santo falando na Escritura”.<sup>44</sup>

<sup>37</sup> “Aquele que diz: Eu o conheço (γινώσκω) e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2.4).

<sup>38</sup> GRENZ e OLSON, *Quem precisa de teologia?*, p. 51.

<sup>39</sup> Ver McGRATH, *Paixão pela verdade*, p. 67.

<sup>40</sup> Ver SPROUL, R. C. *O que é a teologia reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 14-15.

<sup>41</sup> Ver CALVINO, *As Institutas*, III.21.4; III.23.8; III.25.6; *Exposição de Romanos*, p. 330 (Rm 9.14). Na edição de 1541 das *Institutas*, ele escreveu: “E que não achemos ruim submeter neste ponto o nosso entendimento à sabedoria de Deus, aos cuidados da qual ele deixa muitos segredos. Porque é douta ignorância ignorar as coisas que não é lícito nem possível saber; o desejo de sabê-las revela uma espécie de raiva canina”. CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. Vol. 3, p. 53-54 (III.8).

<sup>42</sup> BARCLAY, Oliver. *Mente cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 47.

<sup>43</sup> “Porventura a Escritura não é mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico, por mais excelente e atento ao Verbo divino que este possa ser?”. BERKOUWER, G. C. *A pessoa de Cristo*. São Paulo: ASTE., 1964, p. 72. Dentro desta mesma linha de pensamento, escreveu Kuiper (1886-1966): “... Todos juntos, os credos do cristianismo de nenhuma maneira se aproximam de esgotar a verdade da Sagrada Escritura”. KUIPER, R.B. *El cuerpo glorioso de Cristo: la santa iglesia*. Grand Rapids, Michigan: SLC, 1985, p. 99.

<sup>44</sup> *Confissão de Westminster*, I.10. Timothy George observa: “Os reformadores eram grandes exegetas das Escrituras Sagradas. Suas obras teológicas mais incisivas encontram-se em seus sermões e comentários bíblicos. Eles estavam convencidos de que a proclamação da igreja cristã não poderia originar-se da filosofia ou de qualquer cosmovisão auto-elaborada. Não poderia ser nada menos que uma interpretação das Escrituras. Nenhuma outra proclamação possui direito ou esperança na igreja. Uma teologia que se baseia na doutrina reformada das Escrituras Sagradas não tem nada a temer com as descobertas precisas dos estudos bíblicos modernos”. GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 313.

Por isso, a teologia não pode ser um estudo descompromissado feito por um transeunte acadêmico; ela é função da igreja cristã, dentro da qual estamos inseridos. “Estudamos dogmática como membros da igreja, com a consciência que temos uma incumbência dada por ela, um serviço a lhe prestar, devido a uma compulsão que pode originar-se somente no seu interior”.<sup>45</sup> “Pensamento dogmático não é somente pensar *sobre* a fé, é um pensar *crendo*”, conclui Brunner (1889-1966).<sup>46</sup>

O interesse puramente acadêmico pela teologia é incapaz de contribuir por si só para a solidificação da teologia e da fé da igreja. A teologia é uma expressão de fé da igreja amparada nas Escrituras. Toda teologia é, portanto, apaixonada.<sup>47</sup> Como falar de Deus e de sua Palavra de forma “objetiva” e distante do seu “objeto”? A teologia é elaborada pelos crentes; o caminho da fé é o caminho da paixão. O teólogo sempre será um apaixonado. Aliás, adaptando Kierkegaard, diria que um teólogo sem paixão é um “tipo” medíocre.<sup>48</sup>

## 2. TEOLOGIA INTEGRAL: REFLEXÃO E VIDA

A teologia nada tem a ver com isolamento frio e clínico, nem com fórmulas e frases secas e vazias. O que importa nela é como aprender mais sobre o Deus vivo e amoroso, e servir-lhe por inteiro com a mente e o coração. Para aprender mais sobre Deus é preciso estar mais perto dele e buscar com afinco o dia em que finalmente estaremos com ele – Alister McGrath.<sup>49</sup>

A reflexão teológica deve ser sempre um prefácio à ação<sup>50</sup> sob a influência modeladora do Espírito que nos instrui pelo evangelho. “Uma igreja que só reflete e não atua é semelhante ao exército que passa o tempo fazendo manobras dentro do quartel”.<sup>51</sup> A nossa reflexão e ação devem estar sempre acompanhadas e dominadas pela oração fervorosa e sincera: “Desvenda os

<sup>45</sup> BRUNNER, Emil. *Dogmática*. São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 15.

<sup>46</sup> *Ibid.*, Vol. 1, p. 18.

<sup>47</sup> Ver McGRATH, *Paixão pela verdade*, p. 40.

<sup>48</sup> A frase de Kierkegaard é: “O paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre”. KIERKEGAARD, Sören A. *Migalhas filosóficas, ou, um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995, p. 61.

<sup>49</sup> McGRATH, Alister. *Teologia para amadores*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 69.

<sup>50</sup> “Para aquele que é intelectualmente dotado, é muito mais fácil ser um cristão no campo do pensamento do que naquele do comportamento prático; e ainda o bom teólogo sabe muito bem que o que realmente conta diante de Deus não é simplesmente o que alguém pensa, mas o que alguém pensa com tal fé que se torna ato. Porque somente essa fé ‘que atua pelo amor’ é considerada”. BRUNNER, *Dogmática*, Vol. 1, p. 119-120.

<sup>51</sup> COSTAS, Orlando E. *Qué significa evangelizar hoy?* San José, Costa Rica: Publicaciones INDEF, 1973, 3.442, p. 45.

meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18).<sup>52</sup> “A fé envolve a verdade de Deus (doutrina), encontro com Deus (culto) e serviço a Deus (vida). A inseparabilidade desses três elementos é vista repetidas vezes nas Escrituras e na história do povo de Deus”.<sup>53</sup>

Talvez aqui esteja uma das armadilhas mais sutis para nós reformados. Prezamos a doutrina, entendemos ser ela fundamental para a vida cristã, no entanto, nesta justíssima ênfase e compreensão, podemos nos esquecer da importância vital da piedade.<sup>54</sup> Notemos que não estou dizendo que isto aconteça conosco com frequência ou que este seja o nosso ponto fraco; apenas observo que devemos vigiar neste flanco, para que o inimigo não alcance êxito em seu desígnio destruidor. Paulo fala dos “desígnios” de Satanás (2Co 2.11),<sup>55</sup> indicando a ideia de que ele tem metas definidas, estratégias elaboradas, um programa de ação com variedades de técnicas e opções a serem aplicadas conforme as circunstâncias. Ele emprega toda a sua “*energia*” (2Ts 2.9).<sup>56</sup> Neste texto fica claro que Satanás se vale de todos os recursos a ele disponíveis;

<sup>52</sup> “A oração é sempre necessária como instrução (...). Transmitir conhecimento não basta. É igualmente essencial que oremos – que oremos por nós mesmos, para que Deus nos faça receptivos ao conhecimento e à instrução; que oremos para sermos capacitados a agasalhar o conhecimento recebido e aplicá-lo; que oremos para que não fique só em nossas mentes, e sim que se apegue aos nossos corações, dobre as nossas vontades e afete o homem todo. O conhecimento, a instrução e a oração devem andar sempre juntos; jamais devem estar separados”. LLOYD-JONES, D. Martyn. *As insondáveis riquezas de Cristo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 98.

<sup>53</sup> GODFREY, W. Robert. A reforma do culto. In: BOICE, James M. et al. (Orgs.). *Reforma hoje*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 155.

<sup>54</sup> Ver, entre outros: LLOYD-JONES, *As insondáveis riquezas de Cristo*, p. 8, 85-86, 165, 254; LLOYD-JONES, D. M. *O combate cristão*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 101-103, 127; LLOYD-JONES, D. M. *Deus o Pai, Deus o Filho*. Grandes Doutrinas Bíblicas, Vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, p. 393.

<sup>55</sup> “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os *desígnios* (νόημα) (2Co 2.11). A palavra traduzida por “*desígnio*” (νόημα), ocorre cinco vezes no NT, sendo utilizada apenas por Paulo: 2Co 2.11; 3.14; 4.4; 10.5; 11.3; Fp 4.7, tendo o sentido de “*plano*” (Platão, *Política*, 260d), “*intenção maligna*”, “*intrigas*”, “*ardis*”. Com exceção de Fp 4.7, a palavra sempre é usada negativamente no NT. Νόημα é o resultado da atividade do νοῦς (mente). J. Behm; E. Würthwein, νοῦς, etc. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, G. (Orgs.). *Theological dictionary of the New Testament*. Reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 Vol. IV, p. 960. “É a faculdade geral do juízo, que pode tomar decisões e pronunciar certos ou errados os veredictos, conforme as influências às quais tem sido exposta”. GOETZMANN, J. Razão. In: BROWN, Colin (Org. Ger.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. IV, p. 32.

<sup>56</sup> “Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a *eficácia* (ἐνέργεια) de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira” (2Ts 2.9). Satanás atua de forma eficaz na consecução dos seus objetivos: ἐνέργεια (energeia) – “*trabalho efetivo*” –, de onde vem a nossa palavra “*energia*”, passando pelo latim, “*energía*”. Esse substantivo é empregado tanto para Deus (Ef 3.7; 4.16; Fp 3.21; Cl 1.29; 2.12) como para Satanás (2Ts 2.9). Estando este subordinado à ἐνέργεια de Deus (2Ts 2.11). Ἐνέργεια e seus derivados, no NT, descreve sempre um poder eficaz em atividade sobre-humana, por meio da qual a natureza de quem a exerce se revela. Ver BARCLAY, W. *Palavras chaves do Novo Testamento*, p. 51-57.

contudo, como não poderia ser diferente, amparado na “*mentira*”, que lhe é própria (Jo 8.44),<sup>57</sup> para realizar os seus propósitos.

D.M. Lloyd-Jones (1899-1981) assim se expressou:

O ministro do evangelho é um homem que está sempre lutando em duas frentes. Primeiro ele tem que concitar as pessoas a se interessarem por doutrina e pela teologia, todavia não demorará muito nisso antes de perceber que terá que abrir uma segunda frente e dizer às pessoas que não é suficiente interessar-se somente por doutrinas e teologia, que você corre o perigo de se tornar um mero intelectualista ortodoxo e de ir ficando negligente quanto à sua vida espiritual e quanto à vida da Igreja. Este é o perigo que assedia os que sustentam a posição reformada. Essas são as únicas pessoas realmente interessadas em teologia, pelo que o diabo vem a eles e os impele para demasiado longe na linha desse interesse, e eles tendem a tornar-se meros teólogos e só intelectualmente interessados na verdade.<sup>58</sup>

Calvino está convencido de que ninguém pode “provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura”.<sup>59</sup> E que “só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito”.<sup>60</sup> Portanto, “o conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separado da ciência celestial de Cristo”.<sup>61</sup> Deste modo, “o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus”.<sup>62</sup>

Ao longo da história diversos teólogos têm insistido neste ponto. O lutera-no Davi Chyträus (1530-1600) – aluno de Melancton (1497-1560) –, resumiu bem este espírito, quando escreveu em 1581: “Demonstramos ser cristãos e teólogos muito mais através da fé, da vida santa e do amor a Deus e ao próximo, do que através da astúcia e das sutilezas das polêmicas”.<sup>63</sup> Ele também

<sup>57</sup> “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44).

<sup>58</sup> LLOYD-JONES, D. M. *Os puritanos: suas origens e seus sucessores*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993, p. 22.

<sup>59</sup> CALVINO, *As Institutas*, 1.6.2. Os verdadeiros discípulos da Escritura tornam-se “discípulos da Igreja”. Ver CALVINO, *Efésios*, p. 126 (Ef 4.13).

<sup>60</sup> CALVINO, *Exposição de Romanos*, p. 374 (Rm 10.16).

<sup>61</sup> CALVINO, João. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996, p. 60 (1Co 1.20).

<sup>62</sup> CALVINO, *As Pastorais*, p. 300 (Tt 1.1).

<sup>63</sup> D. Chyträus, apud SPENER, Ph. J. *Mudança para o futuro: Pia Desideria*. São Bernardo do Campo e Curitiba: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Encontro Editora, 1996, p. 114 e 30. Ver também SPENER, *ibidem*, p. 102-117.

costumava repetir aos seus alunos durante o ano: “O estudo da teologia não deve ser conduzido através da rixa e disputa, mas pela prática da piedade”.<sup>64</sup>

### 3. A TEOLOGIA COMO SERVA

Não somos os senhores do Cristo e de sua revelação, antes, somos seus servos. Não pretendamos apresentá-lo com cores da moda, com “tons pastéis”, tão saborosos em determinadas épocas.<sup>65</sup> A teologia é serva da Escritura. Somente assim ela poderá ser relevante à igreja e a toda a humanidade na apresentação do Cristo conforme nos é dado conhecer nas Escrituras.

“A teologia é serva da igreja”.<sup>66</sup> A grande virtude do que serve é ser encontrado fiel (1Co 4.2). O teólogo não pode ter outro propósito senão glorificar a Deus por meio da compreensão fiel das Escrituras e no seu ensino ao povo de Deus.

A teologia deve ter sempre um compromisso com a igreja, leia-se, com os fiéis, no sentido de instruí-los, alimentá-los, corrija-los, consolá-los e aconselhá-los. A verdadeira teologia só é de fato relevante se for bíblica. É por isso que todo teólogo deve ser um exegeta, já que é da Palavra que brota a sua fé (Rm 10.17; Tg 1.18; 1Pe 1.23) e de onde ele tira todo o seu ensinamento. Somente assim ele poderá atender à instrução de Paulo dada ao jovem ministro Timóteo: “*Procura* (σπουδάζω = “esforçar-se com zelo”, “apressar-se”)<sup>67</sup> apresentar-te a Deus, *aprovado* (δόκιμος = “aprovado após exame”),<sup>68</sup> como obreiro que não tem de que se envergonhar, que *maneja bem* (ὀρθοτομέω)<sup>69</sup> a Palavra da *verdade* (ἀλήθεια)” (2Tm 2.15).

<sup>64</sup> D. Chyträus, apud SPENER, Ph. J. *Pia Desideria*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985, p. 30. Esta frase de Chyträus foi omitida na edição mais recente, citada supra, conforme explicação do editor.

<sup>65</sup> “A essa altura, o evangelicalismo é fortemente contracultural, defendendo o direito fundamental do cristianismo de ser dominado por Cristo, em vez de dominá-lo à luz dos costumes sociais transitórios contemporâneos”. McGRATH, *Paixão pela verdade*, p. 30.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>67</sup> Σπουδάζω, que é bem traduzido em Ef 4.3 por “*esforçando-vos diligentemente*” (ARA), tem a sua ênfase enfraquecida em ARA, ARC e BJ, que o traduzem por “*procurando*”. Σπουδάζω ocorre 11 vezes no NT (Gl 2.10; Ef 4.3; 1Ts 2.17; 2Tm 2.15; 4.9,21; Tt 3.12; Hb 4.11; 2Pe 1.10,15; 3.14), tendo o sentido de “correr”, “apressar-se”, “fazer todo o esforço e empenho possível”, “urgenciar”, “ser zeloso, diligente”, “esforço”, “aplicação”. Σπουδάζω denota uma diligência que se esforça por fazer todo o possível para alcançar o seu objetivo.

<sup>68</sup> O verbo δοκιμάζω ressalta o aspecto positivo de “provar” para “aprovar”, indicando a genuinidade do que foi testado (2Co 8.8; 1Ts 2.4; 1Tm 3.10). Este verbo se refere à ação de Deus, nunca é empregado para a “tentação” de satanás, “visto que ele nunca prova aquele que ele pode aprovar, nem testa aquele que ele pode aceitar”. TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*. Reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1985, p. 281. Ver mais detalhes sobre a “tentação” em COSTA, Hermisten M. P. *O Pai Nosso*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

<sup>69</sup> O verbo ὀρθοτομέω – “cortar em linha reta”, “endireitar” –, que só ocorre neste texto, é formado por ὀρθός (“direito”, “reto”, “certo”, “correto”) (At 14.10; Hb 12.13) e τέμνω (“cortar”), verbo que não aparece no Novo Testamento. Na LXX ὀρθοτομέω é empregado em Pv 3.6 e 11.5 com o sentido de endireitar o caminho.

Calvino, pastoralmente, traduz a metáfora usada por Paulo, “maneja bem” (2Tm 2.15), por “dividindo bem”, fazendo a seguinte aplicação:

Paulo (...) designa aos mestres o dever de gravar ou ministrar a Palavra, como um pai divide um pão em pequenos pedaços para alimentar seus filhos. Ele aconselha Timóteo a “dividir bem”, para não suceder como fazem os homens inexperientes que, cortando a superfície, deixam o miolo e a medula intactos. Tomo, porém, o que está expresso aqui como uma aplicação geral e como uma referência à judiciosa ministração da Palavra, a qual é adaptada para o proveito daqueles que a ouvem.<sup>70</sup> Há quem a mutile, há quem a desmembre, há quem a distorça, há quem a quebre em mil pedaços, e há quem, como observei, se mantém na superfície, jamais penetrando o âmago da doutrina. Ele contrasta todos esses erros com a boa ministração, ou seja, um método de exposição adequado à edificação. Aqui está uma regra pela qual devemos julgar cada interpretação da Escritura.<sup>71</sup>

A teologia tem compromissos inevitáveis e prazerosos para com a igreja. Tomo os testemunhos de dois respeitadores teólogos do século 20 que, ainda que com perspectivas teológicas diferentes, tinham esta mesma percepção:

O sujeito da dogmática é a Igreja cristã. O sujeito de uma ciência não pode ser outro senão aquele que mantém, com o objeto e a atividade considerados, relações de presença e de familiaridade. Não é, portanto, uma redução lamentavelmente limitativa que impomos à dogmática enquanto ciência quando afirmamos: o sujeito de tal ciência é a Igreja. A Igreja é o lugar, a comunidade à qual são confiados o objeto e a atividade próprios da dogmática, isto é, a pregação do Evangelho. Quando dizemos que a Igreja é o sujeito da dogmática, entendemos que desde o instante em que alguém se ocupe de dogmática, seja para aprendê-la, seja para ensiná-la, esse alguém se encontra dentro do ambiente da Igreja. Aquele que queira fazer dogmática, colocando-se conscientemente fora da Igreja, deve esperar que o objeto da dogmática lhe permaneça estranho, e de maneira nenhuma se surpreender ao ficar perdido logo nos primeiros passos, ou ao parecer um destruidor.<sup>72</sup>

A teologia, como função da igreja cristã, deve servir às necessidades desta igreja. Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia oscila entre dois pólos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade eterna deve ser recebida.<sup>73</sup>

<sup>70</sup> Este era o seu princípio pedagógico: “Um sábio mestre tem a responsabilidade de acomodar-se ao poder de compreensão daqueles a quem ele administra o ensino, de modo a iniciar-se com os princípios rudimentares quando instrui os débeis e ignorantes, não lhes dando algo que porventura seja mais forte do que podem suportar”. CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 98-99 (1Co 3.1).

<sup>71</sup> CALVINO, *As Pastorais*, p. 235 (2Tm 2.15).

<sup>72</sup> BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 8.

<sup>73</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo e São Leopoldo, RS: Paulinas e Sinodal, 1984, p. 13.

Portanto, a atitude aparentemente inofensiva de deixar a igreja local é a causa da degradingada espiritual e intelectual. A igreja local “humaniza” o teólogo. É no contato com o povo de Deus, com os seus sonhos, necessidades, angústias e o compartilhar da fé, que somos trazidos à realidade concreta da cotidianidade de nossos irmãos e, muitas vezes, redirecionamos as nossas pesquisas, reavaliamos as nossas prioridades e crescemos em nossa fé. Por sua vez, a teologia que termina em si mesma tenderá a nos afastar da pureza e simplicidade do evangelho, tornando-nos arrogantes e presunçosos.<sup>74</sup> A igreja, de fato, é a “escola de Deus”<sup>75</sup> para todos, inclusive para o teólogo. Parece-me pertinente a constatação de Veith: “Os cristãos, não importa quão intelectualmente sofisticados eles possam ser, devem se submeter à disciplina e à comunhão de uma congregação local e, ao fazer isso, eles encontrarão um fundamento espiritual precioso”.<sup>76</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paul Tillich (1886-1965), ainda que não seguindo uma linha teológica reformada, caracteriza bem a questão da teologia, ao falar da sua tarefa:

A tarefa da teologia é mediação, mediação entre o critério eterno da verdade manifesto na figura de Jesus, o Cristo, e as experiências mutáveis dos indivíduos e dos grupos, suas variadas questões e suas categorias de percepção da realidade. Quando se rejeita a tarefa mediadora da teologia, rejeita-se a própria teologia; pois o termo “teo-logia” pressupõe, em si, uma mediação, a saber, entre o mistério, que é theos, e a compreensão, que é logos.<sup>77</sup>

A teologia como estudo da Palavra, não pode ser algo *simplesmente* teórico, menos ainda especulativo e abstrato; antes tem uma relação direta com a vida daqueles que a estudam; ela é, portanto, uma ciência teórica e prática.<sup>78</sup> Brunner (1889-1966), um dos mais conceituados teólogo do século 20, faz uma declaração elucidante: “O teólogo dogmático que não percebe que seu trabalho o compele a orar frequente e urgentemente, do fundo do coração: ‘Deus, sê propício a mim pecador’, está bem pouco adaptado ao seu trabalho”.<sup>79</sup>

<sup>74</sup> Ver PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 13.

<sup>75</sup> CALVINO, *As Pastorais*, p. 136 (1Tm 5.7).

<sup>76</sup> VEITH JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 95.

<sup>77</sup> TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992, p. 15. Notemos que “as experiências mutáveis dos indivíduos e dos grupos”, não se constituem no nosso ponto de partida teológico, antes são desafios para os quais o teólogo deve buscar nas Escrituras a resposta.

<sup>78</sup> Ver TURRETIN, Francis. *Institutes of elenctic theology*. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed, 1992, Vol. I, 1, 7, p. 20-22.

<sup>79</sup> BRUNNER, *Dogmática*, Vol. 1, p. 120.

A profundidade do conhecimento dos ensinamentos da Palavra deve estar em ordem direta com a nossa vida cristã. A teologia oferece-nos subsídios para que possamos conhecer mais a Deus – que deve ser o nosso objetivo principal<sup>80</sup> – por meio de sua revelação especial nas Escrituras. A dissociação entre teologia e vida é algo estranho à fé cristã e conseqüentemente à igreja de Cristo.

Num cristianismo brasileiro repleto de superstições, assim como acontecia na época da Reforma Protestante, a teologia deve ter o sentido de resgatar a pureza dos ensinamentos bíblicos a fim de purificar a mensagem que tem sido transmitida ao longo dos séculos.<sup>81</sup> Notemos, portanto, que a teologia tem um compromisso com a edificação da igreja (Ef 4.11-16): a igreja é enriquecida espiritualmente com os ensinamentos da Palavra, os quais cabe à teologia organizar.<sup>82</sup> “A teologia é o sustento da vida cristã”. Ela “alicerça a vivência cristã”.<sup>83</sup> Deste modo, vale a pena lembrar a observação de Barth (1886-1968): “O pregador (...) com toda modéstia e seriedade, deve trabalhar, lutar para apresentar corretamente a Palavra, sabendo perfeitamente que o *recte docere* só pode ser realizado pelo Espírito Santo”.<sup>84</sup> Lutero (1483-1546) já recomendara: “A pregação e a oração estão sempre juntas”.<sup>85</sup>

A Palavra é a fonte de onde parte todo o ensino cristão. Paulo, inspirado por Deus, escreve: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17). O “proveitoso” tem a ver com o objetivo de Deus para o seu povo: que tenha uma vida piedosa e santa, seja maduro (perfeito).<sup>86</sup>

Todavia, quando nos distanciamos da Palavra terminamos por substituí-la por elementos que julgamos poder entreter ou instruir intelectualmente o povo. A teologia contemporânea, que em determinados grupos cada vez mais se confunde com uma ciência social, tende simplesmente a apresentar uma mensagem puramente intelectualizada.<sup>87</sup>

<sup>80</sup> Ver LLOYD-JONES, *As insondáveis riquezas de Cristo*, p. 161. Esse conhecimento conduz-nos invariavelmente ao culto: “O conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas Lhe traz consigo o culto”. CALVINO, *As Institutas*, 1.12.1. Do mesmo modo, ver: GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 16-17.

<sup>81</sup> Cf. BRUNNER, *Dogmática*, Vol. 1, p. 24.

<sup>82</sup> “A teologia representa a tentativa humana de colocar ordem nas idéias das Escrituras, organizando-as e ordenando-as para que a relação mútua entre elas possa ser melhor entendida”. McGRATH, *Teologia para amadores*, p. 32.

<sup>83</sup> GRENZ e OLSON, *Quem precisa de teologia?*, p. 46 e 47.

<sup>84</sup> BARTH, Karl. *La proclamacion del evangelio*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 46.

<sup>85</sup> LUTERO, M. *Luther's Works*. Saint Louis: Concordia, 1960, Vol. II, p. 333 (Gn 13.4).

<sup>86</sup> CALVINO, *As pastorais*, p. 264 (2Tm 3.16-17).

<sup>87</sup> “Para se tornar intelectualmente respeitável, e ser aceita como instrução acadêmica legítima, a teologia contemporânea com frequência rejeitou a sua substância tópica. A teologia contemporânea

Herman Bavinck (1854-1921), em sua aula inaugural em Amsterdã, sobre Religião e Teologia, disse:

Religião, o temor de Deus, deve ser o elemento que inspira e anima a investigação teológica. Isso deve marcar a cadência da ciência. O teólogo é uma pessoa que se esforça para falar sobre Deus porque ele fala fora de Deus e por meio de Deus. Professar a teologia é fazer um trabalho santo. É realizar uma ministração sacerdotal na casa do Senhor. Isso é por si mesmo um serviço de culto, uma consagração da mente e do coração em honra ao seu nome.<sup>88</sup>

Em sua obra *Our Reasonable Faith*, ele nos instrui:

.... Teólogo, um verdadeiro teólogo, é aquele que fala de Deus, da parte de Deus, a respeito de Deus, e sempre faz isto para a glorificação do seu nome. Entre o instruído e o simples há uma diferença de grau. Ambos têm um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. Porém a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo (Ef 4.5-7).<sup>89</sup>

A revelação é o outro lado da fé, e esta, como resultado daquela – por obra do Espírito –, precisa ser articulada como exercício reflexivo de sua percepção. A teologia é a articulação sistematizada da fé enquanto conhecimento da revelação de Deus. Isto significa que a genuína teologia derivada das Escrituras só pode ser formulada por homens crentes, homens falhos e pecadores que foram, contudo, regenerados por Deus (Tt 3.5; Rm 6.14; 1Jo 1.8). A academia sem a fé não elabora teologia! A teologia brota dentro da intimidade da fé.

A igreja deve, portanto, perseverar no estudo da Palavra. Ela nos é suficiente para todas as nossas necessidades. Quando se afasta da Palavra, a igreja nega sua própria condição essencial: cultivar a Deus e pregar a Palavra conforme os ensinamentos do próprio Deus.

Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6). Pela fé apresentemos o nosso labor a Deus suplicando sempre a sua iluminação e misericórdia. Que Deus nos abençoe e nos guarde!

## ABSTRACT

In this article Costa continues to address Calvin's piety by developing the biblical and theological concept that theology, as a true servant of God's

---

muitas vezes deixa de ser Teologia. Em vez disso, torna-se Psicologia, Sociologia, Filosofia ou Política. O sobrenatural é excluído em favor de explicações naturalistas a ponto de a teologia ter de, por sua própria metodologia, excluir Deus". VEITH JR., *De todo o teu entendimento*, p. 54.

<sup>88</sup> Apud Henry Zylstra em prefácio à obra de BAVINCK, Herman. *Our reasonable faith*. 4. ed. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1984, p. 7.

<sup>89</sup> BAVINCK, *Our reasonable faith*, p. 31.

Word, has to be committed to the edification of God's people, being, in this way, a servant of the Church. Within this perspective, he appeals to theologians with distinct backgrounds, all of whom display the same understanding that theological reflection does not end in an intellectual exercise, but is fulfilled in obedience to the Word of God.

**KEYWORDS**

Theology; Piety; Spirituality; John Calvin; The Institutes.